

Brasil pedirá até US\$ 4 bi

SÃO PAULO — O Brasil precisará de US\$ 3 bilhões a US\$ 4 bilhões para rolar sua dívida externa no próximo ano, revelou ontem o Ministro do Planejamento, Delfim Netto. Segundo ele, estes novos empréstimos representam a metade dos US\$ 6,5 bilhões que o País pediu aos bancos internacionais para fechar seu balanço de pagamentos de 83 e rolar a dívida de 84.

Delfim, que viaja este fim de semana para Washington, onde discutirá com a diretoria do Banco Mundial (Bird) o financiamento de novos programas de desenvolvimento, acredita que as negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI) e os bancos privados deverão ser mais simples do que no ano passado, graças ao bom desempenho da economia brasileira. Ele observou que o País vem obtendo superávits comerciais superiores a US\$ 1 bilhão por mês e que, atualmente, as reservas cambiais estão em US\$ 4,2 bilhões, devendo fechar o ano em US\$ 6 bilhões. O Ministro afirmou não estar preocupado com os efeitos da sucessão presidencial no Brasil:

— Não acredito que a indefinição do quadro sucessório possa prejudicar as negociações com os credores. O Brasil mostrou que é capaz de honrar seus compromissos, pois afinal nós estamos saindo da crise com relativa rapidez. Eu acho que todos os candidatos que estão aí são perfeitamente competentes e capazes de prosseguir o processo de ajustamento das contas externas.

Delfim reafirmou que o Brasil não terá que pedir waiver ao FMI, pois o Governo cumpriu todas as metas econômicas do primeiro semestre. E previu que, em julho, o superávit comercial deverá ser superior a US\$ 1 bilhão, com exportações de US\$ 2,5 bilhões. Na sua opinião, o saldo comercial no segundo semestre deverá ser maior que o do primeiro.

Com relação à inflação prevista para este mês, Delfim garantiu que ficará "muito abaixo" dos 12 por cento estimados por alguns economistas. Assinalou que o Governo não pretende expurgar alguns itens que compõem o Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas e que mede a inflação.

— Tem sido feita muita agitação em torno da inflação — disse o Ministro. — O importante é que a Nação compreenda que a inflação, nos últimos 12 meses, está caindo e vai continuar a cair. Agora, nós não podemos fazer um combate dramático à inflação devido a todas as dificuldades que temos com a desindexação generalizada que estamos vivendo.

Delfim afirmou ainda que o Governo não planeja extinguir o Decreto-Lei 2.065. Segundo ele, os empresários que têm criticado a atual lei salarial estão equivocados e, quando afirmam que a inflação não caiu, é uma inverdade. Se o 2.065 não estivesse em vigor, afirmou, a taxa inflacionária estaria muito mais elevada.

para 'rolar' débitos